

Por vontade expressa do autor, a presente edição não segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2015
Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *Um Momento Meu*
Autor: Paulo Caiado
Revisão: Paula Caetano
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Marina Costa / Marcador Editora
Imagens de capa: imagem principal © Stanislav Solntsev; gaivotas: © Vanesa Munoz / ambas Trevillion Images
Fotografia do autor: Pau Storch – magma.pt

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-187-2
Depósito legal: 395 805/15

1.ª edição: Agosto de 2015

I

Pensamos que podemos ter tudo! Pensamos que o mundo, a nossa existência, as pessoas que tocamos, vivem por nós e para nós. Pensamos que podemos moldar o mundo a nosso bel-prazer e que as nossas acções não trazem consequências à vida dos outros. Pensamos sobretudo que os outros estão cá para nós e que, independentemente dos nossos actos, das nossas decisões sobre os rumos que queremos tomar, tudo se manterá impávido e incólume na nossa vida. E na dos outros!

Sim, porque tudo o que fazemos com a nossa vida influencia a dos outros e, de tal forma, que podemos mesmo alterar-lhes o destino!

Somos pequenos deuses, nós. Não sabiam? Em nós assenta muitas vezes o destino dos outros, a sua vida. Podemos nós próprios criar as bifurcações do seu caminho. Quais engenheiros do destino, construímos novas estradas, novas pontes, criamos obstáculos e barreiras e obrigamo-los a seguirem em novas direcções. Ou a não as seguir de todo. Nas nossas mãos repousa muita vez a felicidade ou a infelicidade dos outros. A vida ou a morte!

É triste, não é? Não poderemos por vezes ser donos do nosso próprio destino apenas porque dele depende a felicidade alheia. E nós apenas queremos ser felizes. Não queremos trazer infelicidade aos outros, sobretudo àqueles que amamos. Porque nós não deixamos de amar quem largamos para podermos seguir o nosso caminho. Na realidade, não queremos largá-los, nem os largamos; com isso, seríamos infelizes também. Queremos apenas seguir outro caminho, mas não os perdendo de vista, nem de mão, nem de coração. Queremos tê-los por perto, mas não tão perto que não nos permitam tomar outro rumo.

Na realidade, queremos ter tudo, tê-los a eles e aos outros. Queremos ter Sol na eira e chuva no nabal. Queremos apenas ser felizes e que todos o

sejam para lá das nossas decisões. E queremos ter o melhor de tudo. Essa é a pior parte!

Queremos poder escolher sem ter o drama das escolhas. Queremos poder ganhar tudo sem perder tanto. E não podemos!

Escolher implica sempre deixar algo para trás! Não podemos ter tudo! E o melhor que podemos fazer é escolher bem. O que vamos perder já não volta e, ao perdê-lo, fazemos tantos outros perderem-no também. O que ganharmos pode vir a ser efêmero, não o sabemos, e sobretudo não sabemos se vamos fazer com que outros o ganhem também. O passado é uma certeza, o futuro um mistério. Do passado vive-se a recordação, do futuro a ilusão!

Mas nada de melhor poderemos almejar, se não mudarmos. Se não tomarmos decisões. Se não fizermos opções.

Optar significa ganhar e perder. São dois pratos de uma balança que irá ditar como será a nossa vida daí em diante. Não podemos ter os dois pratos. Não podemos sobretudo pensar que os outros ficarão felizes com a nossa felicidade e que serão felizes após as nossas escolhas. Se nem nós temos a certeza da nossa felicidade, como podemos assegurar a felicidade dos outros? De quem connosco fica e de quem de nós parte?

Construir a nossa felicidade sobre a infelicidade dos outros é a mais difícil das opções e, no entanto, nós apenas queremos ser felizes! Será isso um crime? Um pecado? Será egoísmo? Insensatez? O que será, então? Porque nos apontam tanto à cabeça e à alma e porque nos sentimos tão infelizes com a decisão que nos conduz à felicidade?

Não deveríamos ter o poder de Deus. Não deveria estar nas nossas mãos o poder de deixar os outros infelizes. Apenas deveríamos ter o dom de tornar as pessoas felizes. Ao ser-nos permitido, pelos nossos actos, causar a infelicidade dos outros, condiciona-se o nosso direito à felicidade e o nosso livre-arbítrio.

Como poderia eu saber que aqueles fantásticos dias passados na Costa Alentejana conduziriam àquele desfecho?
E no entanto, tudo parecia conjugar-se para termos um verdadeiro recomeço.

Eu conhecera a Diana quase duas décadas antes. Depois, passaram-se alguns anos até nos reencontrarmos. Muita coisa mudara desde o tempo em que éramos apenas dois adolescentes a trocar olhares na Praia das Maçãs. Como eu, a Diana casara-se uma vez, mas, ao contrário de mim, tivera dois filhos. Quando os nossos caminhos voltaram a cruzar-se, estávamos ambos divorciados. Uma carga de lastro numa fase da vida em que os outros apenas se preocupavam com as frequências universitárias e com as idas ao Kremlin, à Kapital e ao Twins.

Nessa altura, apaixonámo-nos, namorámos e casámos. Um namoro contrariado por familiares e amigos, que desejavam para cada um de nós uma outra vida. Preconceitos a sobreporem-se ao desejo de nos verem felizes. Éramos muito novos, com estudos pela frente, com uma carreira profissional pela frente e tudo poderia ser posto em causa pela existência dos miúdos. Lutámos, enfrentámos e avançámos!

Tornáramo-nos adultos à força e assumimos responsabilidades que nos afastaram de uma existência normal para a nossa idade. As contingências da vida, a subsistência de uma família e a educação dos filhos, o nascimento de novos filhos, sem termos ninguém em quem nos apoiarmos, impediram-nos de ter o que seria normal para jovens na casa dos vinte. Férias no estrangeiro, ou mesmo no Sul, e vida social, tudo foi impossível de concretizar, ora por falta de recursos ora por falta de alguém com quem pudéssemos deixar os miúdos. Quando os mais velhos chegaram à idade adulta, demo-nos conta de

que, ao fim de muitos anos, apenas estivéramos alguns dias verdadeiramente a sós!

Qualquer especialista dirá que o tempo a sós, o tempo para namorar, é crucial para a vida dos casais. Muitos advogam a necessidade de os casais terem pelo menos uma semana de férias sem os filhos. Tempo para renovar a relação, sem o stress do dia-a-dia, as rotinas do quotidiano, a pressão dos afazeres dos filhos, da lida da casa, da profissão. Nós não tivéramos mais de trinta dias a sós em quase vinte anos.

Estávamos agora na casa dos quarenta e não sabíamos o que eram férias na neve a dois, ou em família, férias numa praia tropical, uma ida a Paris!

Eu deslocava-me amiúde ao estrangeiro, mas sempre no âmbito profissional e de cada vez que regressava de um local que me fascinara, fazia planos para um regresso a dois. Invariavelmente, ficava-me pelos sonhos! Mesmo quando a nossa situação económica melhorou ao ponto de podermos concretizar qualquer um dos meus sonhos de viagens a dois, os problemas de logística com os miúdos, ou a falta de vontade de viajar da Diana, minavam-me os planos.

Eu sentia o desgaste da relação assente na rotina, numa vida virada para o trabalho e para a família e raramente para o outro.

Não que não nos amássemos. O nosso amor permanecia forte e inquestionável. Não que não nos desejassemos. Também o desejo sexual e a atracção física permaneciam intactos e tínhamos até uma vida sexual mais intensa do que sabíamos ser o normal entre os nossos amigos.

Mas algo começou a falhar!

Em mim.

Aquilo que começou por ser uma eventualidade transformou-se em normalidade. Eu passava cada vez mais tempo sozinho e, sobretudo, começava a ter de fazer mais coisas sozinho. Ao longo da nossa relação, fomos ambos mudando e era cada vez mais evidente que as coisas que eu gostava de fazer, quer nas férias, quer nos tempos livres e até no âmbito social, já não eram do agrado da Diana. Eu já não sabia qual dos dois mudara mais, ou se fora apenas o facto de dispormos agora, com o crescimento dos miúdos, de mais tempo livre, que tornara mais óbvia essa situação.

Ela já não apreciava o convívio com os amigos, jantar em casa de uns e de outros e recebê-los depois em nossa casa, não gostava de praia, nem de viajar de avião. Eu, pelo meu lado, adorava actividades ao ar livre e, sobretudo, viajar. Enquanto a Diana dedicava cada vez mais o seu tempo livre aos filhos e ao prazer de ficar em casa a ler ou a ver um filme, eu aborrecia-me de passar muito tempo em casa e ansiava por sair, confraternizar com os amigos, ir a eventos e festas.

A Diana não achava normal a minha ansiedade de sair, de conviver. Eu, pelo meu lado, não entendia porque é que ela estava a transformar-se quase numa eremita.

O amor nunca nos falhou. O prazer de estarmos juntos à lareira ou aconchegados no sofá, também não. Mantinha em mim a mesma expectativa pela sua chegada diária a casa e a promessa reiterada de uns instantes de amor antes de adormecermos. A Diana adorava os poucos momentos em que nos era permitido estar a sós, um jantar de vez em quando, um fim-de-semana duas vezes por ano.

Eu tinha a clara percepção desse amor. Do porto de abrigo que ela se tornara para mim. Ninguém me daria mais apoio nas minhas decisões pessoais ou profissionais, ninguém estaria ali para mim como ela sempre estivera nos maus momentos.

Sabia que nunca mais voltaria a atingir o nível de cumplicidade, de intimidade, de despudor que sentia com ela.

A Diana era a minha segurança, a minha estabilidade, a minha certeza no futuro, o sonho de um dia festejarmos o Natal rodeados da família, de uma futura e sonhada família com filhos e filhas, noras e genros e netos!

E no entanto, no meio de tanto amor garantido, veio a solidão!

Veio em silêncio, veio em crescendo. Veio para ficar.

Não sei qual foi o ponto de viragem, o momento em que senti que já bastava de tanta solidão.

O casamento não podia ser apenas aquilo. Eu sabia que, para a Diana, já era tanto, que para muitos seria tanto, mas para mim começou a não bastar.

Momentos a sós, demasiados momentos a sós. Momentos a sós no meio dos outros. Eu era o elemento isolado, o «casado» sem a mulher, o que vinha quase a mais. Era o número ímpar! E é horrível ser o número ímpar numa sociedade formatada para os números pares a partir dos trinta.

– Vai tu que eu prefiro ficar! – dizia-me ela, sucessivamente. – Vai que eu sei que gostas. Não fico chateada por ires sem mim. Faz-te bem estar com os amigos!

Isto era mais fácil de aceitar quando eu saía apenas com os meus três melhores amigos, mas um, o Marcos, era um solteirão inveterado e os outros dois, o Mateus e o João, eram divorciados. Nessa situação, quando saíamos apenas os quatro para uma noite de copos que incluía jantar e uma peregrinação por aqueles bares da cidade, onde todos nos conheciam e éramos tratados mais como família que como clientes, eu sentia-me apenas um deles, um entre os quatro. Mas, ainda assim, havia momentos em que me sentia completamente a mais, deslocado, despropositado. Como os três eram livres e desimpedidos, de vez em quando surgia a possibilidade de conhecermos

um grupo de amigas que apareciam nos mesmos bares. E eu era o elemento casado. E era casado porque queria e porque ninguém me obrigava a tal. Para mim, confraternizar com essas desconhecidas num local público já era difícil, quanto mais aceitar ir para outro local mais discreto. Isso estava completamente fora de questão. E os anos passavam e os meus amigos ainda tinham dificuldade em aceitar que eu regressasse a casa nessas alturas. Não me colocaria, e muito menos à Diana, numa posição constrangedora e duvidosa, que desse azo a situações embaraçosas ou que, para mim, fossem inaceitáveis.

Fora eu diferente como muitos são e talvez a solidão que sentia se tornasse menos insuportável.

Mas eu sou eu e o que virei a ser, como é o lema do nosso grupo, e tomara uma opção de vida. Era casado e era com a Diana que eu queria desfrutar a vida.

E ela insistia para que eu sáísse mais vezes. Que aceitasse os convites que nos faziam.

E eu ia. Às vezes, apenas porque tinha de ir, sem mesmo me apetecer, sobretudo a casamentos e aniversários.

O que mais me custava eram os tempos de lazer com os amigos casados ou que estavam numa relação. Ir à praia sem ela, ver os outros casais a caminharem de mão dada à beira-mar, mergulharem juntos nas ondas, os sorrisos e as gargalhadas, regressarem à toalha de mão dada e estenderem-se ao lado um do outro. Os momentos na esplanada, as cervejas e os caracóis, as *margueritas* e as caipirinhas tomadas em conjunto com os amigos. Para além das viagens ao estrangeiro, era na praia que eu mais sentia a solidão.

A solidão da sua ausência e a solidão da presença dos outros.

Não sentia tanto a sua falta quando ia sozinho à praia no início ou no fim do Verão e quando esta já estava, ou ainda estava, meio deserta. Era no pico do Verão, quando a cidade se mudava para o areal, que eu me sentia mais só. Quantos mais amigos se juntavam na praia, mais eu me sentia só!

O mesmo acontecia nos jantares com casais amigos e nas festas de Verão!

De início, não me importara. Sabia que era uma forma de respeitar os desejos e também a individualidade de cada um, mas com o passar dos anos comecei a achar que nada disso fazia sentido. Que apesar de os amigos elogiarem a nossa postura enquanto casal, a minha solidão crescia dia após dia.

Sei quando o caldo se entornou, quando percebi que já era demais. Em ocasiões diferentes, mas relativamente próximas, três pessoas que me conheciam há algum tempo, embora não tivessem comigo uma grande intimidade, manifestaram a sua surpresa ao saberem que eu era casado, e não solteiro ou separado. Nunca tinham visto a Diana, nem tão-pouco se aperceberam de que eu era casado apesar da minha aliança. Fiquei chocado, fiquei

embaraçado. Parecia que eu escondia deliberadamente a minha mulher. Que era um daqueles machistas que acham que o lugar das mulheres é em casa. Pensei demasiado no que os outros pensavam!

Percebi que a história fora longe de mais. As vidas sociais quase separadas tinham ido longe de mais!

É verdade que passávamos juntos a maior parte do pouco tempo livre, que só nos separávamos quando eu tentava confraternizar com os amigos ou quando procurava uma actividade ao ar livre que não era do agrado da Diana. Mas até esses momentos partilhados, existiam à custa de muitas cedências minhas e poucas da Diana. Muito tempo em casa, demasiado tempo em casa, isolados do mundo. Era impossível convencê-la a sair com amigos ou a viajar para fora em férias.

A situação tornara-se mais constante nos últimos anos. Ela mudara com o tempo.

Tinha ela culpa? Não era ela uma mãe fantástica, sempre presente para os filhos? Não era ela uma boa amiga das suas amigas, uma boa colega de trabalho? Não estava ela sempre presente para mim nos maus momentos? Não estava ela sempre ao meu lado, quando eu tivera de tomar difíceis ou importantes decisões do foro profissional? Faltava-me no lazer, é certo. Pelo menos naquele tempo de lazer que queria desfrutar com os amigos. Os amigos são necessários na nossa vida, são importantes para partilharmos ideias, cultura, informação, experiências, momentos e sentimentos, e ela faltava-me nessas alturas. Mas na realidade, faltava-me ela nos momentos mais delicados da nossa vida?

Será que os momentos de lazer, o companheirismo e o desfrutar das mesmas actividades, o ter os mesmos gostos, um elemento tão importante da vida dos casais, podem sobrepor-se a todos os outros?

Pelos vistos, para mim, assim era naquela altura.

De súbito, senti-me só. Infeliz. Impotente para mudar o estado das coisas, para mudar a situação no futuro. Senti que não pedia muito. Que pedia tão-só o tipo de relação que os outros tinham, algum companheirismo, a minha mulher ao meu lado.

Achei que não estava a pedir nada de mais, que não estava a pedir a Lua.

Mas afinal, o tão pouco era tanto para a Diana, que me senti submerso, com falta de ar. Senti que a vida teria de me dar mais. Que tinha o direito de aspirar a mais.

E estupidamente, em vez de lutar, de tentar mudá-la um pouco, de ser perseverante com a pessoa que amava, desisti.

Deitei tudo ao ar e desisti!

Tínhamos ido jantar fora. A sós, o que era uma raridade. Escolhêramos o nosso restaurante preferido, onde íamos em ocasiões especiais. Vejo agora que nunca mais lá voltei. Era o nosso restaurante, o local que marcou tantos momentos nossos. Depois dessa noite, nunca mais consegui lá voltar. Ir com outra pessoa seria faltar ao respeito à Diana, seria o mesmo que dizer que ela era substituível. E ela não o era. Um dia, poderia vir a ter outra pessoa na minha vida, mas ela valeria por si. Não seria uma substituta, tal como a Diana teria sempre um lugar na minha vida.

Por isso nunca mais lá voltei, aguardando que um dia pudesse regressar com ela.

O jantar correu muito bem depois dos dias passados na Zambujeira do Mar. Foi justamente porque tivéramos finalmente um tempo a sós e que tudo corria tão bem que senti que chegara a altura de termos «a conversa». Assumi que, estando a Diana tão bem-disposta, tão feliz, também estivesse mais receptiva a discutir o que me parecia estar mal na nossa relação. Talvez eu tenha estragado tudo. Talvez devesse ter aproveitado a onda e deixado que ela rolasse pelo tempo fora e talvez as coisas estivessem efectivamente a melhorar. Fi-lo contudo na convicção de que aquela seria a melhor altura para termos uma conversa madura e civilizada sobre o que deveríamos fazer, o que deveríamos mudar, para melhorar a nossa relação. Afinal de contas, e apesar da nossa felicidade momentânea, eu não me deixava iludir e sabia que, mais tarde, as coisas poderiam voltar ao mesmo.

Sáíramos do restaurante como dois namorados, felizes. Tal como acontecera noutras situações no passado.

Quando chegámos a casa, abordei o assunto. Hoje sei que foi de uma forma extemporânea. Estávamos os dois a sós na sala, a casa estava vazia.

Falei-lhe da minha solidão, da minha vontade de partilharmos mais momentos como os dos últimos dias. Falei-lhe dos meus sonhos por realizar. Daquilo que desejava fazer a dois e que nunca me fora permitido fazer.

Ela revoltou-se. A conversa rapidamente se tornou uma discussão e, de súbito, despoletou-se a engrenagem que conduziria à nossa separação. Tão rápida, tão súbita, tão imediata que qualquer um me diria depois que era previsível, expectável, que estava adormecida em nós a bomba prestes a rebentar.

– Falas dos teus sonhos por realizar? – quase me gritou. – E os meus? Onde ficam os meus sonhos no meio dos teus planos? Se te vais, todos os meus sonhos, todas as certezas que construí ao longo da minha vida, desfazem-se de uma assentada!

Fez uma pausa, enquanto as lágrimas lhe corriam pelo rosto.

– Não vês a dimensão do teu egoísmo? Queixas-te de que sentes há já muito tempo que algo não está bem. Mas eu nunca o senti. Fui completamente apanhada de surpresa. Agora dizes-me que queres ir-te embora, e eu fico com a minha vida interrompida de um dia para o outro? É como se tivesses morrido esta noite, num acidente. Não, é pior! Bem pior! Se tivesses morrido, eu teria pensado que me amaras até ao fim. Assim é bem pior, porque vais ficar por aí, vivo e separado de mim, como prova viva do nosso fracasso.

Eu nem sabia o que dizer. Sabia que tinha razão, mas a Diana também tinha.

Olhei para a Diana, o seu rosto trigueiro emoldurado pelos cabelos louros e lisos, a franja direita e cortada certinha que lhe cobria a testa e acabava nos seus olhos azuis quase cinzentos, que mudavam de cor de acordo com o seu estado espírito. Ou pelo menos achava eu. Agora, poderia jurar que estavam mais escuros e azuis que o habitual.

Ao longo dos últimos dois anos, tentara conversar com ela sobre o assunto, mas ela recusara-se sempre a abordar a questão e desconversava sempre que eu puxava o assunto. Invariavelmente, a minha abordagem ao tema da sua falta de vontade de acompanhar-me a jantares com amigos ou de irmos ao estrangeiro terminava em discussão. Aliás, era praticamente o nosso único foco de discussão. Ela não podia dizer que não sabia nada sobre o assunto, mas compreendia que ela nunca admitira uma separação. Na verdade, nem eu a admitia.

Começáramos agora com uma nova tentativa minha de falarmos sobre o assunto e, em escassos minutos, a conversa passou da fala para a discussão – a Diana sabia ser irascível quando discutia – e desta para a hipótese de separação.

Como aconteceu? Não sei. Foi uma discussão como as outras que tivéramos quando o assunto vinha à baila, mas desta vez, acabámos a dormir separados, ela na cama e eu no sofá da sala. Mal sabia eu quantas noites iria dormir nesse sofá a partir desse dia.

– Mas o que é que tu queres? Voltar a ir a discotecas ao sábado à noite? Passar dias a estorricar ao Sol, sem mais nada que fazer? Vão acabar todos com um cancro de pele, vocês mais essa mania da vela!

Eu já nem sabia o que dizer. Ela exagerava, caricaturava os meus gostos e eu perdia a vontade de discutir.

– Não percebo esse desejo constante de sair de casa. De sair à noite, de se juntarem todos em manada! Não têm filhos para cuidar?!

Eu ia dizer que nenhum dos meus amigos mais chegados tinha filhos, mas sei que isso não era exemplo para ninguém. Com esta idade, a maioria de nós tem filhos para cuidar, ou então já os tem adolescentes, que podem ficar sozinhos em casa, o que era o caso dos outros meus amigos.

– Escuta, a nossa vida está a resumir-se a uma separação de tarefas. Tu fazes isto, eu faço aquilo. Tu vais levar os miúdos à escola a determinadas horas e eu levo-os a outras horas. Parecemos sócios de uma sociedade prestadora de serviços. Tu fazes muito mais em casa do que eu, admito. Mas é a isso que se resume a nossa relação?

Estava cansado, exausto por todas as tentativas que fizera para abordar o assunto de forma madura, de modo a podermos avaliar o que cada um precisava de fazer, para nos sentirmos mais felizes na relação, uma lista de cedências, o que seria razoável e aceitável. Nada que o Outro se sentisse desconfortável em fazer. Um casamento é isso.

Não haver cedências e cada um respeitar a mais completa individualidade do Outro, é uma impossibilidade. Dizer que o matrimónio não são duas metades de uma laranja que se unem, mas a união de duas laranjas, é um mito impraticável para quem já viveu uma relação. Tem de haver pontos de união, muita coisa em comum. Muita coisa para partilhar e viver a dois. Quando duas pessoas são muito diferentes e nada têm a ver uma com a outra, elas não se completam, antes se afastam como dois pólos iguais.

Acontece apaixonarmo-nos, ou melhor, sentirmos alguma atracção por alguém muito diferente, mas não conseguimos amar quem é de todo muito diferente. Diferenças de ordem cultural, educacional, de valores, de hábitos, de gostos, são factores de dissensão.

Na verdade, a questão é mais profunda.

Por vezes, não nos apaixonamos por uma pessoa pelo que ela é, mas pelo potencial que nela existe. E os momentos iniciais de paixão isolam-nos completamente do mundo, da realidade e até da racionalidade.

Quando nos apercebemos das diferenças, tentamos então corrigi-las e, de cedência em cedência, tentamos assemelhar-nos. Mas existe um enorme risco nesse processo.

Quando se inicia uma relação, nada mais conta para o casal. Criamos uma bolha à nossa volta. E tudo o que se passa em torno de nós desaparece. Nos momentos em que estamos juntos, não existe outro mundo lá fora, nem as suas leis se aplicam.

Criamos as nossas próprias regras, e tudo o que fazemos ou dizemos um ao outro não tem continuidade cá fora. Não sei se assumimos um papel, ou se somos, realmente e nessas circunstâncias, inteiramente verdadeiros.

Nesse momento, assumimos uma identidade plural. Somos Nós, e não Eu e o Outro.

A bolha não se confina a um quarto. Envolve-nos aos dois, não importa onde estejamos. Para lá da bolha, existe o Nós e o Eles. Por vezes, ela abre-se e temos de lidar com o Eles. Enquanto estamos dentro dela, entregamo-nos por completo um ao outro e falta espaço para a nossa individualidade. Quando esta reaparece, a bolha fragiliza-se. Se conseguirmos lidar com isso, conseguimos mantê-la à nossa volta. Se não conseguirmos, porque não somos capazes de respeitar a individualidade de cada um ou porque não gostamos dela, a bolha rompe-se. Depois, deixamos de ter um Nós. Resta apenas um Eu e um Ele.

Se conseguirmos respeitar e até apreciar a individualidade do outro, podemos reconstruir a nossa bolha sempre que o desejarmos, e nesses momentos em que passamos a Nós, o mundo à nossa volta torna a desaparecer.

Se dermos demasiado de Nós para que o nosso Eu se mescle completamente no nosso Nós, corremos o risco de perder a nossa individualidade, e isso tem um preço. Ou perdemos a nossa identidade por submissão, ou reagimos mais tarde e acaba-se a relação.

O mais curioso é que, quando nos apaixonamos, geralmente apaixonamo-nos por uma pessoa que não está corrompida por nós, pelo nosso contacto, pela nossa influência, e é assim que nos apaixonamos. Depois, com o passar do tempo, tentamos gradualmente mudá-la, adaptá-la a nós. Dizemos-lhe o que gostamos ou não gostamos, e ela vai-se modificando para se adaptar a nós, voluntariamente ou com esforço. Connosco vai-se passando o mesmo, vamo-nos adaptando e mudando.

Aquilo de que muitas vezes não nos apercebemos é que chegamos a um ponto em que mudámos por causa do Outro, mas já não somos a pessoa por quem o Outro se apaixonou.

E isso é muito triste. Apaixonamo-nos por uma pessoa pelo que ela era antes de a influenciarmos, depois conseguimos mudá-la para que se adapte

ao que queremos do Outro e, por fim, deixamos de estar apaixonados, porque o Outro já não é a pessoa por quem nos apaixonámos!

Eu perguntava-me se a Diana teria mudado assim tanto desde que nos conhecêramos. Mas se teria mudado no sentido de divergir de mim.

Ela contestava e dizia ter sido eu a mudar.

Na realidade, não tinha havido um esforço para que nos aproximássemos; pelo contrário, ao longo dos anos, começáramos a divergir, não no essencial, mas naquilo que gostávamos de fazer nos tempos livres.

– As relações vivem do momento presente, mas também vivem de recordações marcantes. Não se constroem grandes recordações no quotidiano. Precisamos de viajar, sair, passear, visitar – tentava eu explicar. – Precisamos de construir novas recordações, entendes? Não se criam memórias a dois ou em família, aquele historial que é o cimento das relações, vivendo apenas a rotinal!

Hoje, olhando para trás, vejo como isso se tornou menos relevante, mas só quem vive essa situação consegue compreender como é importante esse companheirismo e que não se trata de um factor menor na união do casal, mesmo que nos outros aspectos do quotidiano, dos seus valores, dos seus afectos, tudo se mantenha intacto.

Mas ali, naquele momento, tudo parecia resumir-se a isso. À minha solidão, às rotinas, à falta de companhia.

A Diana argumentava de forma racional, falava do seu cansaço físico, da sua falta de vontade de sair e conviver, muitas vezes com pessoas que lhe eram estranhas, do verdadeiro sacrifício que era para ela fazer algumas coisas que eu gostava de fazer. Eu entendia, claro, mas isso não diminuía a minha tristeza.

Visto de fora, alguém poderia dizer que aquele casamento já dera o que tinha a dar, com um afastamento tão grande entre nós que parecia ser irreconciliável e crescente. Mas também haveria certamente quem opinasse que era afinal tão pouco e tão irrelevante o que nos separava e que deveríamos investir no que era verdadeiramente essencial, no nosso amor, e desvalorizássemos o resto.

E afinal, o mal estava em mim. Era eu, e não a Diana, quem estava infeliz. Era um problema apenas meu e não uma situação sentida pelos dois.

Naquele momento, a Diana deveria ter cedido em algo, deveria ter feito umas tréguas para ganharmos tempo, mas ficou tão irritada com o meu discurso, tão desesperada, que me atirou com toda a sua raiva. Disse-me que, se não gostava, que me fosse embora. Que se ela não me servia, que arranjasse outra. Uma mais nova e mais serviente. Cavou uma trincheira e eu já não consegui alcançá-la.

Nessa noite, dormi no sofá. Nas noites seguintes, também. As discussões tornaram-se cada vez mais frequentes, até que um dia dissemos o que não devíamos, as posições extremaram-se e, apesar de todo o nosso amor, saí de casa.

A Diana não contava com aquilo. Eu também não. Sempre pensara que iríamos resolver o assunto. Que era uma breve crise que seria rapidamente superada. Quando discutíamos, a ira toldava-nos, dizíamos o que não queríamos, mas nunca pensámos que iríamos separar-nos fisicamente.

O amuo dera lugar a uma separação.

Naquele dia de chuva, saí de casa, sem querer pensar no que estava a acontecer-nos.

Arrumei o que pude em malas e sacos de viagem e enchi o carro, disposto a ir para a casa de praia. Estava tão zangado quanto desiludido. Esperava que a Diana me dissesse que alguma coisa iria mudar. Que se apercebera agora e finalmente do que estava a acontecer-me e que iria tentar mudar um pouco, ceder no que lhe fosse possível, para me fazer feliz. Eu não pedia muito, apenas mais companhia. Nada que não visse nos outros casais.

Ela considerava que não eram as idas comigo à praia ou a jantares que faziam de nós um casal. Valorizava muitas outras coisas, como estar ao meu lado quando era preciso, nas coisas importantes. Mas eu precisava dela também nas pequenas coisas. No dia-a-dia.

Ela dizia-me que os afectos e a vivência quotidiana em casa e com os filhos eram mais importantes que a componente social ou lúdica. Eu achava que era tudo!

É possível viver um casamento assim? É muito bonito admitir que respeitamos a individualidade, os gostos de cada um. Mas isso funciona na prática?

Naquele momento, eu sentia que não! Queria mais. Queria tudo.

Saí de casa. Não houve lágrimas, nem um adeus. Apenas o silêncio da raiva, da desilusão, do desânimo. O orgulho da Diana em não ceder contra o meu orgulho em mostrar o quanto estava convicto da minha razão.

Quando entrei no carro, já a porta de casa se fechara atrás de mim. Sentei-me ao volante e fiquei em silêncio, digerindo a minha raiva antes de arrancar.

Com a frente pousada sobre o volante, mergulhei em lágrimas. Lágrimas de tristeza por todo um passado a dois, o meu e o dela, que parecia agora desperdiçado, completamente inútil. Todos os investimentos são inúteis se não levarem a lado nenhum. Nem o pouco que de nós restava era agora

suficiente para eu deixar de ter esse sentimento de fracasso, de termos gasto uma vida para o que parecia ficar reduzido a nada. Restavam-nos os nossos filhos e as recordações de dias melhores. Tudo porque eu não era uma pessoa como as outras, acomodada, conformada, e tudo porque a Diana não parecia ser uma mulher como as outras, uma lutadora pela relação, disposta a ceder no pouco que lhe pedia.

Os meus pensamentos eram de revolta, de raiva incontida. Imaginei uma cena em que a confrontava com tudo o que ficara por dizer.

«Eu sei que me querias cinzento.

Cinzento como os milhares de homens que pululam por aí, submersos na identidade comum de que se fazem os casais comuns.

Sim, eu sei. Querias-me normalizado, estandardizado, formatado.

Querias que fosse cinzento como a maioria dos homens das tuas amigas. Como a maioria dos meus amigos.

Cinzentos. Previsíveis, certinhos, sem surpresas!

Cinzentos. Serão em frente à TV, a ver o programa dos gordos e o traste humano do folhetim da Teresa Guilherme. Dormir no sofá até chegar a hora de se arrastar para a cama!

Cinzentos. Ir à bola, à caça, à pesca, com os amigos. Beber umas bojecas e engatar umas garinas!

Cinzentos. Jantar fora ao sábado, sexo às quartas, sextas e sábados!

Cinzentos. Ver a pobreza na TV e virar a cara para o lado, que isso é para o Governo resolver que eu já pago impostos suficientes!

Cinzentos. Passar pela vida sem que a vida dê por eles! Viagem anual a uma praia tropical, ou uma semana no Algarve e uma ida à neve no Inverno.

Cinzentos. Uma tarde de domingo enfiado no *shopping* ou o passeio dos tristes que já aturava aos pais!

MAS EU NÃO SOU CINZENTO!

Lamento! Deveria ter-te dito quando nos conhecemos. Eu sei que sim, mas guardei-o em mim com medo de ficar na prateleira dos produtos inovadores. Sei que mais tarde alguém iria pegar em mim. Felizmente, existem mulheres que são pioneiras, que gostam de inovar, que não querem o que os outros querem e que, sobretudo, pensam pelos seus próprios neurónios e não pelo que a massa amorfa das amigas lhes induz! Querem sentir a vida e fazê-lo ao lado de alguém!

Lamento que não tenhas querido desfrutar da multiplicidade de homens que há em mim!

Só lamento isso. Teria sido mais fácil a adaptação ou nem sequer me terias pegado.

De resto não lamento mais nada. Todos os dias, dou graças por não ser cinzento!

Sou por vezes mais infeliz, é certo. Não me dou por satisfeito com pouco! Procuo sempre mais e melhor. Não quero pessoas cinzentas na minha vida, nem quero a minha vida cinzenta por via das outras pessoas.

Mas quando posso assumir todas as minhas cores, sou MUITO FELIZ! E quem me vir e compreender e aceitar com todas essas cores, receberá de mim muito mais que de alguém cinzento!

E eu tenho em mim a capacidade de tornar os dias coloridos! Tenho em mim o dom de tornar alguém colorido como eu!

E eu gosto tanto das cores! Amo o facto de não ser como os outros. De não me resignar, de não ficar quedo e impassível. De me levantar e dizer basta! De fazer algo!

Dizem que há três tipos de homens. Os que vêem acontecer, os que perguntam o que aconteceu e os que fazem acontecer. Talvez eu faça parte dos últimos. Eu quero fazer parte dos que fazem acontecer.

Não, eu não quero ser formatado. Quero ser surpreendente!

Quero que todos os teus dias sejam diferentes. Bonitos, coloridos. Que cada dia valha a pena ser vivido e recordado. Não quero que nos esqueçamos de 350 dias do calendário! Quero lembrar-me do que fiz em cada dia! E que tu te lembres também. Com um sorriso!

Eu sou colorido, sim! Sou pluridimensional. Sou diferente, porque amo a vida! Sou diferente, porque não me conformo! Porque quero mais, quero sempre mais! Quero fazer a diferença, na vida e, sobretudo, na TUA VIDA!

Quem não me compreendeu ficou para trás! Quem preferiu a rotina, a normalização, ficou para trás!

Quem me aceitar com todas as minhas cores terá uma vida diferente, é certo. Conhecerá novas fronteiras, novos mundos. Terá novos sonhos e sobretudo terá a capacidade de os realizar! Terá surpresas ao acordar. Não saberá como vai acabar o dia. Mas VIVERÁ!

Quero ser muito feliz e tornar alguém ainda mais feliz! Alguém que veja as cores que há em todos nós!

E que saiba sobretudo que o amor pode exprimir-se de muitas formas!

E quero que a mulher que eu amo se sinta amada e desejada todos os dias! Em cada um dos dias!»

Eu não queria muito! Apenas que a Diana me acompanhasse, que eu sentisse que a fazia sempre feliz e que isso era o suficiente para estar ao meu lado em muitos mais momentos. Que a sua felicidade ao meu lado fosse o bastante para superar a pouca vontade que tinha de estar em alguns lugares

ou eventos. Não é assim nos casamentos em que as pessoas se amam? Que nos basta o Outro e pouco importa onde estamos e com quem estamos?

Eu não era a vítima aqui. Não era isso que sentia. Mas também não me sentia plenamente culpado. Era eu quem saía de casa, sim, mas era a Diana que me deixava sair!

Se a Diana não me amava o suficiente para perceber e sentir isto, então eu tinha o direito de tentar encontrar o que me fazia feliz. Fosse com alguém, fosse a viver sozinho.

Foi com este pensamento que pus o motor a trabalhar e arranquei.

5

Umas noites depois, passo pela casa de Lisboa para ir buscar mais algumas roupas. Chove intensamente. Eu e a Diana acabamos por discutir e saio abruptamente de casa.

Regresso à casa de praia, perdida no meio dos pinhais. Está gelada, húmida e os meus passos ecoam no amplo *hall*. Poucas vezes me senti tão só e tão sem rumo.

A chuva cai persistentemente. Uma noite maldita.

Minutos depois, tocam a campainha. Reajo meio assustado, meio intrigado. Estou numa casa isolada e ninguém, a não ser a Diana, sabe que eu estou aqui.

A Diana grita-me lá de fora, diz que é ela, que lhe abra a porta.

Preocupado com a chuva que cai e com o gesto inusitado, abro a porta a correr.

A Diana aparece-me completamente encharcada pela chuva grossa que cai. Os olhos marejados de lágrimas. Nunca uma mulher se exporá de forma tão frágil perante um homem como a Diana se expôs naquela noite.

Abraça-me, chorando convulsivamente, e pede-me que regresso. Suplica-me.

A tudo digo que não!

Hoje, vejo este momento como o ponto mais baixo da minha vida. Naquele instante, tive a possibilidade de recuperar a minha família e de pôr fim àquele período miserável de distanciamento, de separação. E não o fiz.

Mal sabia eu como aquele momento, aquela minha recusa, mudaria a minha vida nos anos seguintes.

Tento explicar à Diana que nada mudara, que nada iria mudar. Que ela tivera razão ao pedir-me para sair de casa. Que eu precisava de saber o que queria da vida. Se havia algo mais para mim fora dali.

A Diana chora sem parar, com a voz embargada. Apenas consegue dizer algumas palavras soltas, entrecortadas por soluços. Apenas vi um momento assim no choro de uma criança. Palavras desesperadas, tentando abrir caminho entre soluços.

Depois, a Diana resignou-se. Sai de casa para a chuva e parte no carro. Assusto-me com a ideia de ela ter de voltar para a cidade debaixo daquele temporal. Peço-lhe, de forma ridícula, que me mande uma mensagem a dizer que chegou bem.

Algum tempo depois, a Diana envia-me um SMS, uma última mensagem. Um pedido para eu regressar a casa. Um último pedido. Diz-me que me ama em todas as circunstâncias. Diz-me que, se for necessário, está disposta a esperar. Que me afaste durante algum tempo para perceber bem o que me torna infeliz, mas que depois regresse. Que espera por mim.

Sinto o desespero total nas palavras dela. Sinto o seu amor quase incondicional. Aquele era o momento de charneira, mas eu não o sabia. Senti que deveria protegê-la de mim próprio. De um possível retrocesso. Percebi que ainda sentia a dúvida em mim e que não poderia fazê-la passar por isso.

Fiz-me de forte. Fui um imbecil.

Escrevo-lhe uma carta.

Nas tuas certezas eu me envergonho! Nas tuas certezas perante as minhas próprias dúvidas, vejo o teu amor incondicional e envergonho-me do peso dos meus anos que me obrigam a ser prudente. Envergonho-me do meu passado de vivências que me amadureceram ao ponto de perder o instinto do amor. Envergonho-me perante a tua inocência e ilusão de que poderei fazer-te feliz!

Pareces ter mais certezas sobre mim do que eu próprio! Quem me dera poder estar tão certo a meu respeito! Que pudesse reentregar-me assim, sabendo que nessa entrega te levaria a felicidade. Não é em ti que reina a incerteza de um final feliz. Nas minhas próprias incertezas de que poderei fazer-te feliz assenta este caminho incerto que teimo em trilhar, quando tu me esperas do outro lado da ponte, pronta a iniciar uma nova etapa da nossa vida.

Envergonho-me de conhecer tão pouco de mim, quando afinal tu pareces já saber tanto de mim. Envergonho-me de tão pouco te conhecer, ao ponto de não saber a resposta às minhas questões. Irás mudar? Virás então ao meu encontro? Sou tão pequeno ao pé de ti! Somos da dimensão dos nossos sentimentos e tu pareces ter na tua convicção um amor do tamanho de uma vida que está ainda por viver. Será o meu amor tão mais pequeno que me causa estas incertezas? Ou será

ele tão grande que me arrisco a perder-te, com tanta prudência apenas para ter a certeza de que só te farei feliz se também eu for feliz?

Malditas palavras que me embrulham o raciocínio. Malditos pensamentos que me embrulham as palavras. Malditos sentimentos e vontades embrulhadas que me barram as certezas para regressar.

Envergonho-me de não estar a ser digno do teu amor e confiança em nós. Na confiança que mostras em eu fazer-te feliz. Envergonho-me do facto de confiares mais em mim do que eu próprio. De colocares assim a tua vida nas minhas mãos, o risco do salto presente e o risco do momento futuro. E como, perante tanto amor, eu não desfaço as minhas dúvidas de poder fazer-te feliz? Como ousa ainda pensar que não te darei a felicidade?

Apenas as marcas que a vida me deixou me obrigam a ser sensato, ponderado. Não só por mim. Mas sobretudo por ti! O teu amor por mim. A tua confiança em mim, que parece inesgotável, não é todavia suficiente para eu saber que poderei fazer-te feliz.

Sei que essa certeza, ninguém pode tê-la, mas eu preciso de ter a convicção de conseguir fazer-te feliz no momento de voltar. Não posso ir ao teu encontro com incertezas, esperando que a vida se encarregue de as desfazer! A tua história de amor não merece um final que não seja feliz.

Nunca chegarei a enviar esta carta.

Começavam assim dois longos anos de solidão!